

COTIDIANO E CONSTRUÇÃO DA ÉTICA: imperativos para o Serviço Social

Silse Teixeira de Freitas Lemos

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

COTIDIANO E CONSTRUÇÃO DA ÉTICA: imperativos para o Serviço Social

Resumo: O estudo se desenvolve a partir do cotidiano como espaço para além das rotinas de vida, situado como possibilidade de suspender a mecanização que o caracteriza por meio da ciência, das artes e da moral. Assim, pode constituir-se em meio de construção da ética capaz de, pela crítica, apreender a totalidade e o reconhecimento dos homens como sujeitos éticos. É tema de destacada importância para o Serviço Social.

Palavras-chave: Cotidiano, ética, Serviço Social.

QUOTIDIAN AND CONSTRUCTION OF ETHICS: imperatives for Social Work

Abstract: The study develops from the quotidian as a space beyond the routines of life, situated as a possibility to suspend the mechanization that characterizes it through science, arts and ethics. Thus, it may be constituted by the means of building of ethical able to, by critics, grasp the whole and recognition of men as ethical subjects. It is the subject of outstanding importance for the Social Work.

Keywords: Quotidian, ethics, Social Work

Recebido em 18.11.2013 Aprovado em 06.01.2014

1 INTRODUÇÃO

O desafio aqui imposto está em interpretar o cotidiano como espaço de possibilidade de construção ética. Porém, como estabelecer essa relação? Não se trata de obter resposta acabada, mas constituir exercício teórico que permita aproximar a reflexão ao Serviço Social.

Para uma profissão eminentemente interventiva, a análise crítica do cotidiano consiste em processo de instrumentalização da ação profissional, cujo suporte sustenta a possibilidade dos homens se reconhecerem como sujeitos éticos, capazes de, para além da imediatez, definirem valores representativos para a sua condição de classe trabalhadora. Recorreu-se a autores como Heller, Lefebvre, Kosik, Carvalho e Barroco, dentre outros, para fundamentar-se esse breve estudo teórico. As ponderações apresentadas tencionam provocar discussão sobre o tema que merece ser ampliado, enriquecido e ganhar espaço mais expressivo no âmbito do Serviço Social.

2 COTIDIANO E ÉTICA: contradições e aproximações

É indispensável recorrer ao exercício de correlacionar ética, moral e aí situar a ideia de valor. Netto (2007) cita Heller para conceituar valor como tudo o que contribui para enriquecer e explicitar o ser genérico do homem, entendido por um conjunto de atributos constituintes da essência humana. Isso se faz necessário porque no trânsito das digressões aqui feitas são recorrentes as alusões a tais categorias teóricas, que se configuram como elementos implicados na esfera do cotidiano de maneira implícita, subjacente.

Menciona Netto (2007, p. 23)

[...] que Heller considera que esses atributos são: a objetivação (expressa prioritariamente, em termos ontológicos, (pelo trabalho), a socialidade, a consciência, a universalidade e a liberdade.

Nos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais se estabelece em primeiro lugar o “[...] reconhecimento da liberdade como valor ético central [...]” ponto de partida para o exercício de reflexão que aqui se quer desenvolver. Não se trata, agora, de discutir o conteúdo da liberdade como valor, mas de situá-lo como referência da construção da ética a partir do cotidiano. Desse modo, liberdade é inspiração ética, um objetivo a ser alcançado, cuja direção pode ser apontada na vida cotidiana.

É preciso compreender o desejo de liberdade como uma elaboração da consciência que necessita alçar-se para além da cotidianidade e rever modos

de opressão convencionados e absorvidos. O cotidiano tanto pode ensejar a mudança como ratificar formas de opressão. Como exemplo de hermetismo imobilizador pode-se recorrer a um relato feito por Ponce (1996), ao referir-se sobre o domínio prescrito por monges taoístas, na China, ao afirmarem que ao homem do povo não se devia facultar o saber (consciência) porque esse desperta desejos, bastava-lhe, pois, *músculos sólidos, vontade escassa, estômago satisfeito e coração vazio*. Semelhante afirmação assinala, de forma inequívoca, a existência de seres desprovidos de aspirações, de desejos, sobreviventes numa condição de ação mecânica, da animalidade cuja força é requisitada a serviço do dominante, num estágio vegetativo próprio do nível de consciência intransitiva, típica da sociedade fechada apontada por Freire (1977), expressão trazida do pensamento de Karl Popper (1974).

Nesse estágio, a percepção da realidade é obliterada no cotidiano por determinações da ideologia de dominação, num processo onde não há superação da moral estereotipada na dominação e exploração. Destaque-se que a moral situa-se por determinação histórica, em situações singulares, enquanto que a ética se põe no âmbito dos fundamentos da moral orientada para a reflexão filosófica (NETTO, 2007).

Kosik (1976, p.69) afirma que

[...] na cotidianidade a atividade e o modo de viver se transformam em instintivo, subconsciente e inconsciente, irrefletido mecanismo de ação e de vida.

A vida de cada dia amortece a reflexão e a perspectiva problematizadora da realidade quando se mergulha na azáfama rotineira. Se por um lado a experiência humana produz elementos germinais de transformação, por outro lado, pode se fossilizar na alienação. Diz Kosik (1976, p.70) que “[...] o homem se acostuma até com a força [...]”, ou seja, nega, involuntariamente, sentimentos de conteúdo ético como a própria liberdade. O cotidiano se expressa no dia a dia, nas atividades asseguradoras da produção e reprodução da vida social.

Define Heller (2008, p. 31):

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’, todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias.

É o cotidiano o espaço da expressão das potencialidades humanas, embora as suas

manifestações sejam condicionadas pelos fatores econômicos, culturais, políticos e ideológicos atuantes na concretude do dia a dia. A vida cotidiana reserva conteúdos não expandidos pelos homens, os quais permanecem em estado de latência, pois a cotidianidade exige o dispêndio da atividade humana para a efetivação das relações sociais marcadas pelos ritos de repetição. Assim, segundo Heller (2008), o trabalho, a ciência, a arte e a moral são formas de suspensão do cotidiano pelos quais o singular passa a humano genérico. A suspensão da vida cotidiana é a possibilidade de enriquecimento essencial, plena na interação do singular com a universalidade.

Carvalho (2007, p. 28) escreve que

[...]esta suspensão é temporária, mas a apreensão de plenitude obtida permite ganhos de consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo.

Sucedem aos ganhos de consciência a perspectiva de objetivação asseguradora da mudança, ação só possível pelo ser humano genérico que se expressa na universalidade/totalidade.

A vida cotidiana é o espaço da sobrevivência, marcada pela reiteração, por rotinas mecanizadas organizadoras do dia a dia, pautadas no imediato, no fazer como meio de assegurar-se um determinado ordenamento e funcionalidade imprescindíveis à concretude do viver. Contudo, a faina marcante da vida cotidiana não representa a sua expressão mais significativa. Essa reside no descrito por Carvalho (2007, p. 26) como:

A vida cotidiana é o conjunto das atividades que caracteriza a reprodução dos homens singulares, que por seu turno, criam a possibilidade da reprodução social. [...] na vida cotidiana, o indivíduo se reproduz diretamente enquanto indivíduo e reproduz indiretamente a totalidade social. [...] Toda a reprodução que ultrapassa o imediato da vida cotidiana deixa de ser cotidiana.

A singularidade do homem expressa na vida cotidiana não o coloca apenas como singular, é concomitantemente singular e genérico. Contempla na sua integralidade o ser individual, perceptível na luta para a sobrevivência e também o ser genérico detentor da potência que o alça ao patamar de gênero humano. Entrementes, para acontecer esse feito, é preciso transpor o silêncio que o imobiliza. Nas alusões de Carvalho (2007, p. 27) o desabrochar das potencialidades pode não ocorrer, pois se o homem não ultrapassar a imobilidade “[...] não realiza essa experiência. Não chega à consciência”.

Heller (2008, p. 34) escreve que:

A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social. [...] As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade da sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas ‘em-si’.

O homem detém o conteúdo constitutivo da sua história até quando não se dá conta disso, mas se propiciada a oportunidade de posicionar-se como ser genérico identificado com a sociedade e a cultura a qual pertence, por meio da associação de interesses e necessidades, move-se em direção às mudanças e situa-se numa condição de pertencimento. Exemplo objetivo, emblemático, encontra-se no movimento ludista (HOBBSAWM, 1982) cuja gênese estava na exploração da força de trabalho, na miséria da classe trabalhadora. Como ação política, a destruição das máquinas ia além do propósito atribuído de combate à industrialização automatizada. Tinha o significado mais amplo e profundo de reconhecimento de classe para si, ciente de direitos sonegados pela burguesia que, nessa altura da história já se configurara como controladora da economia, com a sujeição do Estado aos ditames da doutrina liberal. A Revolução Industrial adquiriu significação universal ao mostrar, nos atos estratégicos do sindicalismo, a consciência dos trabalhadores conquistada na suspensão do cotidiano. Aí se estabeleceu, por certo, um sentido ético de concepção de direitos, fundado na noção de justiça social que se expressava na luta pelo reconhecimento do valor do trabalho.

Heller (2008, p. 34-35) prossegue:

O indivíduo é sempre, *simultaneamente*, *ser particular* e *ser genérico*. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser vivo. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas o seu ser ‘isolado’, mas também o seu ser ‘individual’. Basta uma folha de árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo gênero; mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade.

Assim posto, a unicidade e a irrepetibilidade figuram como elementos ontológicos fundamentais. O único e o irrepetível adquirem complexidade cada

vez maior, frente à assimilação da realidade social. A particularidade do Eu em suas necessidades físicas, em seus sentimentos e paixões o orientam para a particularidade, para o indivíduo. Mas o genérico está contemplado em todo homem nas ações cuja motivação seja individual, mas a necessidade seja social. Ainda mais (HELLER, 2008, p. 26): “[...] os sentimentos e as paixões [...] podem ser úteis para expressar e comunicar a substância humana.”, pois que são humano-genéricos.

Aplicar-se elementos da lógica concreta, a teoria da ideia liberadora do idealismo metafísico, como aponta Lefebvre (1991), é aproximar-se da possibilidade de compreensão do inteiro o qual se deseja captar. A definição de ideia pode ser apreendida

[...] como unidade de todas as grandes noções opostas, que o entendimento separou: conceito e real, sujeito e objeto, essência e existência, teoria e prática, ideal e real. (LEFEBVRE, 1991, p. 233).

Atentar-se para uma unidade racional e captá-la, implica em reconhecer na ideia o conceito (todos) e o real (a totalidade do real) no encontro de ambos, dá a entender o autor. Isso afirma o exercício indispensável de se traçar um percurso sócio-histórico no qual o homem concreto se expressa na sua humanidade como ser genérico, que realiza ações permeadas por conteúdos morais, construídos de conformidade com interesses subjetivos além da sua própria necessidade, ditados pelas relações sociais e políticas constituídas no percurso.

A trajetória da humanidade permite identificar, no emprego de formas de regulação e controle sobre os homens, as imposições ideológicas transfiguradas em conteúdos morais. Barroco (2001, p.54-55) explicita:

A reflexão ética é construída, historicamente, no âmbito da filosofia, tendo por objeto a moral. [...] ela é de caráter ontológico-social-materialista; busca, a partir da razão dialética, apreender, na totalidade sócio-histórica, as categorias ético-morais, suas particularidades e legalidades.

Embora a reflexão ética não se vincule à imediaticidade e esteja além do cotidiano, ela se organiza como crítica na sistemática da vida cotidiana, visto ser esse espaço o âmbito da manifestação da moral. A capacidade ético-moral, cujas expressões vão além da singularidade, constitui-se no ambiente social onde o ser humano se constrói, isto é, perfila-se com o processo de humanização. Todavia, com frequência, a ética perde o seu sentido verdadeiro e ocorre a inversão para a qual Barroco (2001, p. 56) adverte:

Quando a ética não exerce essa função crítica pode contribuir, de modo peculiar,

para a reprodução de componentes alienantes; pode colocar-se como espaço de prescrições morais; favorecer a ideologia dominante; obscurecer os nexos e as contradições da realidade; fortalecer o dogmatismo e a dominação; remeter os valores para uma origem transcendente à história; fundamentar projetos conservadores; operar de modo a não superar a imediaticidade dos fatos; ultrapassá-los mas não apreender a totalidade, contribuindo para que os homens não se reconheçam como sujeitos éticos.

A ética é desvirtuada do seu sentido original quando deixa de expressar valores verdadeiros para os dominados para assumir um caráter falseado pela ideologia dominante. A reflexão consiste, na situação que se expõe como ilustrativa, em estimar devidamente as imposições, no caso, do modelo de sociedade capitalista hegemônico posto como inexorável e das armadilhas que buscam a validação da exploração do trabalho e a dominação dos trabalhadores como inescapáveis. Barroco (2003, p. 35) diz que

[...] na sociedade capitalista, os valores éticos, estéticos, tendem a se expressar como valores de posse, de consumo, reproduzindo sentimentos, comportamentos e representações individualistas, negadoras da alteridade e da sociabilidade livre”.

Contudo, tal condição não significa imutabilidade.

Assim, mesmo que na esfera do cotidiano as relações do indivíduo com a sociedade ocorram de modo acrítico e o seu processo de reprodução se caracterize pela imediaticidade entre pensamento e ação (BARROCO, 2003), há que se considerar a possibilidade de emergência e ascensão da consciência política a qual incita a reflexão do dominado acerca da sua sujeição histórica e social que se expressa na dimensão do ser genérico. Desenha-se, aí, um espaço onde o Serviço Social pode constituir objeto de investigação, de estudo, considerada a importância que o cotidiano traz para a ampliação do conhecimento das relações sociais e para a intervenção profissional .

3 CONCLUSÃO

Desde o homem primitivo o ser genérico se manifestava como “[...] produto e expressão de suas relações sociais.”, não um indivíduo sozinho, mas o partícipe da integração social. A socialidade se constituiu nas interações realizadas em razão da reciprocidade necessária à preservação da vida. O cotidiano é o espaço de construção

da humanização, na medida em que o homem desenvolveu aptidões, as quais o colocaram à frente das demais espécies animais, pelo trabalho e pela utilização planejada dos recursos da natureza. Engels (2013) escreveu que “[...] podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”. Junto com o trabalho desenvolveu-se a organização social tornada cada vez mais complexa em relação paralela à geração de novas necessidades criadas pela humanidade e as conseqüentes soluções inventadas. No âmbito do grupo social formou-se a “[...] consciência de nós além de configurar-se também sua própria ‘consciência do Eu’” (HELLER, 2008, p. 37).

Ao tratar de ética e vida social, Barroco (2001, p.41) coloca o trabalho como “[...] parte significativa da vida cotidiana por expressar em termos de desenvolvimento genérico a universalidade do ser social [...]”, por outro lado, na cotidianidade apresenta *sua singularidade alienada*. Entretanto, busca em Heller a afirmação de que “[...] a vida cotidiana não é alienada em sua estrutura, apenas em determinadas circunstâncias sociais (HELLER apud BARROCO, 2003)”. Essas considerações apontam a intervenção do Serviço Social, conforme Carvalho (2007, p. 52), dirigida “[...] à conquista e apropriação de serviços e poder pela população excluída e dominada.” É preciso, portanto, que o olhar atento do pesquisador comprometido em aperfeiçoar as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa da profissão desenvolva a produção científica sobre o Cotidiano e a sua interlocução com a Ética.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia Silva Barroco. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de e NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e Crítica**. São Paulo: Cortez, 2007.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>>. Acesso em: 06 de Maio 2013.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: s/n, 1977.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBSBAWN, Eric J. **Os trabalhadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal / lógica dialética**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

NETTO, José Paulo. Ética e crise dos projetos de transformação social. In BONETTI, Dilséia A et al. (Orgs.): **Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 1996.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**, 2v. São Paulo, EDUSP, 1974.

Silse Teixeira de Freitas Lemos

Assistente Social

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: silselemos@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Cidade Universitária do Bacanga

Av. dos Portugueses, 1966

Bacanga - São Luís / MA

CEP: 65.085-580